

# CORTINA, A. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. São Paulo: Editora Contracorrente: 2020, 213 p.

João Paulo Santos Batista  

jotapsantl@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Jocenilson Ribeiro  

jonuefs@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe – UFS

## Introdução

Esta resenha resulta da leitura do livro *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia* (2020), da filósofa espanhola Adela Cortina, lido no âmbito dos estudos e pesquisas do projeto “Vozes em migração: discursos, imagens e representações de estrangeiridade/brasilidade”, desenvolvido no Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (imagine/UFS/CNPq). O objetivo desta leitura resenhada é refletir a fobia relacionada às questões de ordem econômica, classista e étnico-racial ligadas ao problema da brasilidade, do estrangeiro e da estrangeiridade, perpassando indubitavelmente por disparidades sociais que acontecem dentro do território brasileiro.

A partir dessa ideia, o referencial bibliográfico pretende dialogar, em síntese, com os estudos de Cortina sobre a fobia dirigida aos economicamente desfavorecidos junto às noções de classe social e xenofobia também discutidos em livros como *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro* (2016), do

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 25/01/2023

Aprovação do trabalho: 28/02/2023

Publicação do trabalho: 07/04/2023

 10.46230/2674-8266-15-10070

## COMO CITAR

CORTINA, A. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. São Paulo: Editora Contracorrente: 2020, 213 p. Resenha de: BATISTA, João Paulo Santos; RIBEIRO, Jocenilson. *Revista Linguagem em Foco*, v.15, n.1, 2023. p. 265-273. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10070>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, e *A elite do Atraso* (2017), do sociólogo Jessé Souza. Embora nossa leitura se volte especificamente à obra de Cortina, vale o diálogo com algumas questões discutidas por esses intelectuais nesses livros.

De início, devemos evidenciar a importância do trabalho de Adela Cortina no âmbito da pesquisa nas ciências humanas, da filosofia de modo geral e das letras em particular. Segundo consta em seu livro (2020), a filósofa é a primeira mulher a ingressar como membro plena da Academia Real de Ciências Morais e Políticas da Espanha, além de ser professora Emérita de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valência, diretora acadêmica da Fundação ÉTNOR e doutora *honoris causa* de diversas universidades europeias e latino-americanas. Ela publicou trabalhos importantes como livros, artigos, ensaios, entre os quais destacam-se *Ciudadanos del mundo: hacia una teoría de la ciudadanía* (1997) e o mais recente é a obra foco desta resenha, publicado em 2017, com o título original *Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*.

### **Resumo de uma análise da obra**

A obra *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia* foi traduzida ao português por Daniel Fabre, com publicação em 2020 pela editora paulista Contracorrente, ganhando na edição brasileira um prefácio do sociólogo Jessé Souza. A edição conta com 213 páginas e está dividida em oito capítulos nos quais a pesquisadora desenvolve questões acerca da fobia ao pobre, aquela que exprime medo ou repulsa e que é atada especificamente ao sujeito economicamente desfavorecido, sobrevivente às margens da sociedade, sem acesso a direitos básicos ditados por leis que visam ao bem-estar social e ancoradas na defesa dos direitos humanos.

Nesta resenha, pretende-se desenvolver alguns dos principais aspectos discutidos durante o livro, além de correlacioná-los a outros que, igualmente importantes, também se conectam com o tratamento desigual entre uns estrangeiros em relação a outros, deslegitimando o 'mito da cordialidade brasileira' (HOLANDA, 1995; DUNKER, 2014; RIBEIRO, 2022) que ainda opera em nosso imaginário com base numa ilusão sobre a recepção sobre/de migrantes no Brasil. Vale lembrar que, embora a sociedade brasileira seja constitutivamente formada pela heterogeneidade de imigrantes, o tratamento aos imigrantes não é equânime (RIBEIRO, 2022), mas se faz de modo diferente a partir de alguns fatores como traços étnico-raciais, origem, religiões, fator econômico etc., como nos leva

a pensar Cortina em seu livro, embora ela não se refira exatamente ao contexto e ao problema do Brasil.

Na introdução do livro, inicia-se o estudo a partir da diferenciação do tratamento com alguns tipos de estrangeiros, deixando claro que as pessoas podem ser hospitaleiras para com aqueles que vêm de outro território, mas que, em muitos casos, tal hospitalidade pode ser destinada a grupos específicos. Assim, os “visitantes” ou os “turistas”, em suas palavras, são aqueles que frequentam outro território de forma breve e que, com eles, levam seu poder de consumo, trazendo dinâmicas econômicas em uma sociedade baseada na produção e na troca (CORTINA, 2020, p. 16). Entusiastas dos números, receitas, ofertas de emprego e valorização do mercado financeiro, os membros desse grupo, nomeados como “turistas”, são, em sua essência, bem recebidos para que, no futuro, possam retornar e reproduzir os mesmos fatores econômicos. Diferentemente desses grupos, alguns estrangeiros que precisam forçosamente deixar seus lares e culturas por causa de diversas questões como desastres naturais, guerras, problemas socioeconômicos ou políticos, são vistos de outra maneira. Cortina (2020) vai questionar se tais condições conflituosas que trouxeram ao seu território estrangeiros, sem poder de consumo ou que precisem de ajuda social, vão desencadear diferenciações entre migrantes.

No primeiro capítulo do livro denominado “Uma chaga sem nome”, Cortina analisa como a humanidade nomeia as coisas para incorporá-las em seu mundo concreto, no diálogo, na reflexão e na consciência. Assim, a autora introduz ao leitor a história da criação e do significado do termo *aporofobia*, neologismo cunhado por ela a partir dos termos gregos *Á-poros*, que designa pobre, e *fobéo/fobos*, correspondente a aversão ou rejeição a algo, uma prática, um costume ou alguém. Então a aglutinação desses termos dá nome ao “ódio, repugnância ou hostilidade ante o pobre, o sem recursos, o desamparado” (CORTINA, 2020, p. 28).

No segundo capítulo, intitulado “Os crimes de ódio ao pobre”, a autora explica que a intenção ou a legitimação de violências contra o sujeito sem poder econômico é também fruto da aporofobia. Logo, o desprezo perante a vida do outro é normalizado; assume-se, pois, uma postura aporofóbica com a qual o sujeito reproduz crimes de ódio a partir de um “sentimento de superioridade” em relação ao outro (CORTINA, 2020, p. 34) considerando a si próprio superior e, portanto, legítima a sua rejeição, ante o sujeito pobre, por ser supostamente “inferior”.

Posteriormente, no terceiro capítulo nomeado “O discurso de ódio”, o texto avança para discussões em torno da ideia do ódio ao sujeito pobre, apontando

a existência de tal sentimento e seu poder em nossa sociedade. Em suas análises, a autora afirma que aquele que odeia e que é atravessado por poderes constituídos em uma sociedade desigual pode, para além do desprezo e da rejeição, violentar o destinatário de seu ódio nos campos físico, psicológico e social. Por isso, a autora é categórica ao assegurar que “o ódio existe e que é destrutivo” (CORTINA, 2020, p. 63).

Já no quarto capítulo, intitulado “Nosso cérebro é aporofóbico”, são desenvolvidas reflexões sobre como biologicamente os seres humanos são egocêntricos, pois, segundo a autora, o cérebro humano refere todas as suas experiências a si mesmo. Distinguindo desde muito cedo o “eu” do “outro”, enquanto sujeitos sociais, “as pessoas preferem aqueles que têm a mesma aparência e falam como elas”, posto que lidar com aquilo que lhe é familiar produz segurança, “enquanto o estranho produz insegurança e desconforto” (CORTINA, 2020, p. 85). Já as ideias desenvolvidas no quinto capítulo, “Consciência e reputação”, vão de encontro com as reflexões do capítulo anterior, pois, a necessidade de educar a consciência e modificar o egocentrismo humano por meio da educação e de outras instituições econômicas, políticas e sociais são, na visão da filósofa, “capazes de promover o respeito à igual dignidade de cada uma das pessoas concretas” (CORTINA, 2020, p. 97).

No capítulo seguinte, a pesquisadora apresenta discussões acerca do “Biomelhoramento moral” e o que pode condicionar uma ética social que desenvolva nos seres humanos mais altruísmo, empatia e disposição para ajudar na ressocialização daquele que, vindo de uma cultura diferente, precisa se adaptar a novos contextos sociais. O texto avança em seus temas, em meio a duas perspectivas: a primeira que requer investimento e tempo em uma educação moral que viabilize a construção de uma sociedade disposta a unificar suas percepções em relação ao que é humano, como um único grupo. A segunda diz respeito a pesquisas genéticas e neurobiológicas que desenvolvam motivações morais através de instrumentos externos que também aumentem a percepção de humanidade entre os grupos na sociedade (CORTINA, 2020, p. 130). Nesse ponto, é preciso considerar com muito cuidado a crítica aos erros e às contradições da própria ciência, no decorrer da história das ciências e dos sistemas de pensamento (FOUCAULT, 1984; 2007; 2008) quando se buscaram justificar ações e os discursos de determinados grupos de sujeitos a partir de uma mirada exclusivamente geneticista e eugenista.

Já no sétimo capítulo “Erradicar a pobreza, reduzir a desigualdade”, o livro se desenvolve em torno dos fatores que impedem esses dois pontos de avançar

na evolução social e na igualdade de direitos. Os problemas são os mais diversos e levam em conta alguns dos pontos cruciais de seu texto, como o medo do nivelamento social de alguns grupos privilegiados, o poder do Estado, o ódio aos pobres, assim como o entrecruzamento com outros tipos de preconceito (CORTINA, 2020, p. 167). Adela Cortina se questiona se a erradicação da pobreza econômica é, de fato, um dever de justiça na lógica do Estado moderno e na ética da alteridade constituída nas relações entre sujeitos. Então ela vai discorrer a partir de hipóteses como a pobreza é falta de liberdade, é possível de ser evitada, é fruto de injustiças. Adiante, nesse mesmo capítulo, são apresentadas duas propostas desafiadoras para o século XXI, como, por exemplo, empoderar as pessoas e reduzir as desigualdades.

Em “Hospitalidade cosmopolita”, último capítulo da obra, a pesquisa de Cortina tece reflexões sobre a rejeição ao estrangeiro e as mudanças em estruturas sociais, políticas e econômicas. Ela sugere que se levem em conta a educação, a empatia e o altruísmo a fim de trazer a consciência sobre o direito que os imigrantes e refugiados possuem “de serem recebidos com hospitalidade e que aqueles que vivem nos países de chegada não têm o direito de rejeitá-los com hostilidade” (CORTINA, 2020, p. 190). Para a filósofa, a hospitalidade e o acolhimento são instrumentos éticos contra a crise de asilo e de refúgio. Com posse desses instrumentos, temos o dever ético de lutar contra a hostilidade, a xenofobia e a aporofobia que dividem os grupos de sujeitos, as sociedades neoliberais e os indivíduos vistos como “nacionais” (o “nós”, os supostos originários, endógenos) e “estrangeiros” (o “eles”, vistos como estranhos, exógenos). É nesse sentido que ela fecha a obra definindo a hospitalidade cosmopolita a partir das ideias do filósofo francês Emmanuel Lévinas, quando nos propõe “uma ética incondicionada do acolhimento do outro, mediada pelas condições que a viabilizam” (CORTINA, 2020, p. 197). Então, a hospitalidade cosmopolita é uma arma contra a negação ou a repulsa dos *áporoi* (ἄποροι; *á-poros*), os pobres de nossa atualidade, produzidos e castigados pela lógica de governos e de Estados neoliberais, que insistem em marginalizá-los, mediante políticas capitalistas e econômicas ostensivas que estrategicamente produz a extrema pobreza.

Em resumo, as reflexões contidas no texto de Adela Cortina abarcam diretamente noções sobre a pobreza e sua estigmatização e a fobia dirigida a sujeitos economicamente desfavorecidos, em que a rejeição não somente se assume pela condição de quem a vive, mas também pelo próprio sujeito marginalizado. Nesse sentido, a aversão, o preconceito e o temor à pobreza também é correlacionado ao próprio pobre. Além disso, em diversos níveis e características, a di-

ferenciação entre as classes sociais torna-se um fator crucial do ódio aos pobres. Alguns, por exemplo, podem não querer que o sujeito pobre tenha acesso a bens de consumo ou a lugares específicos dos quais ele insiste em ter, justamente porque esse sujeito busca uma distinção entre a sua classe e a do outro. Exemplo disso não falta no Brasil, como é o caso da estigmatização e a discriminação dos “rolezinhos” nos shopping centers, pela presença massiva de jovens oriundos de favelas, periferias e bairros pobres<sup>1</sup>. Nesse viés, a autora compara nossa sociedade com um “jogo de dar e receber” no qual o pobre, ou especificamente o estrangeiro pobre, não possui poder dentro desse “jogo”. Assim, os que exercem algum tipo de poder podem preferir excluir os que não têm.

Diante da interessante vinculação entre o problema da xenofobia e o da aporofobia em nossa atualidade, Cortina (2020) conclui que a rejeição a imigrantes vindos de países menos desenvolvidos é um problema social alarmante, uma vez que, segundo essa errônea compreensão, os estrangeiros colocam em risco o modo de vida dos supostos “nacionais”.

### **Algumas reflexões a partir da obra**

Certamente, as pessoas sem nenhum ou com poucos recursos financeiros e que precisem de ajuda econômica e social do país que as receberão, são tratadas de maneira distinta dos turistas e migrantes economicamente favorecidos ou com recursos. Logo, a rejeição e a repulsa associadas ao estrangeiro pobre são maiores do que as atitudes de desconfianças a outros grupos de sujeitos em deslocamentos, como é o caso de turistas, investidores e empresários estrangeiros etc.

Em situações de crise econômica, por exemplo, os extratos mais baixos das classes médias podem ver no estrangeiro pobre um alvo fácil para o ódio ou culpabilização de seus problemas, fomentando discursos, violências ou meios de rejeição aos imigrantes. A classe trabalhadora também pode ver o estrangeiro pobre como seu rival na busca por empregos ou auxílio socioeconômico. Eles argumentam que os imigrantes disputam e subtraem as suas possibilidades de emprego, além de serviços de saúde, educação e moradia, como vêm analisando vários pesquisadores de diferentes campos científicos nas ciências humanas, no Brasil e América Latina, como filosofia, ciências sociais, relações internacionais e

---

1 FARIA, L. S. P.; KOPPER, M. Os rolezinhos e as metamorfoses do urbano no Brasil contemporâneo *Anuário Antropológico* [Online], v.42 n.2 | 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/2286>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.2286>.

antropologia, além dos estudos discursivos no interior da linguística.

Essas ideias são, muitas vezes, angariadas por políticos simpatizantes de discursos fascistas e de extrema direita que utilizam das rivalidades entre grupos para conquistar votos, promover mentiras e fake news, disseminar o ódio, promover estereótipos e distorções sociais sobre os imigrantes. Logo, a perspectiva adotada por xenófobos é a de que o outro vindo de um território diferente é inferior e irá usar de direitos e usufruir de oportunidades negadas aos ditos nacionais. No entanto, isso não é uma compreensão apenas ligada à nossa era; é fruto de processos excludentes de outras temporalidades e incentivadas por políticas neoliberais contemporâneas para promover o *apartheid*, a cisão de grupos organizados, a subserviência, a escravidão de trabalhadores, o individualismo, a não colaboração nem a hospitalidade como princípio democrático e de justiça comum.

A aversão perante o sujeito pobre no Brasil também corrobora com um sentimento hierárquico descrito pela autora como fundante dessa fobia. Em suas palavras, o ódio ao estrangeiro pode vir com uma “convicção de que existe uma hierarquia estrutural em que o agressor ocupa um lugar superior, enquanto o agredido, o inferior” (CORTINA, 2020, p. 44). Logo, o ódio destinado ao pobre também é mecanismo do egocentrismo social e elitista que cria distinções entre grupos, como explica Durval Albuquerque Júnior, em *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro* (2016). O historiador vai dizer que:

O medo do nivelamento social, de que desapareçam as distinções, as diferenças entre seu grupo social e os pobres, tem sido uma marca do crescimento, na sociedade brasileira contemporânea, não só do sentimento de xenofobia, mas de um ódio de classe em dados extratos das classes médias e das elites econômicas e sociais (ALBUQUERQUE JR., 2016, p. 97).

Esse medo também é problematizado e analisado com profundidade no livro *A elite do atraso* (2017), do sociólogo brasileiro Jessé Souza, que prefacia a obra de Adela Cortina. Tal como Albuquerque Jr. (2016) - resguardadas das diferenças de objetivos e bases teórico-metodológicas dos dois intelectuais, Souza (2017) analisa a emergência do ódio das elites brasileiras aos pobres como uma ferida atrelada ao profundo processo histórico escravocrata na qual se estruturou a sociedade brasileira sob as bases da escravidão, da violência sexual, racial e política e da desumanização dos pobres e dos negros. Talvez o ponto de intersecção entre as ideias destes três intelectuais esteja na confluência do ódio ao pobre (aporofobia), ao preto (racismo e xenoracismo), ao (i)migrante e ao estrangeiro empobrecido (xenofobia) pelo sistema de governo neoliberal, pauperizado histo-

ricamente pelo modelo econômico capitalista e segregado pela manutenção dos conflitos internacionais na economia de guerras. Então o medo (*fobos*) e o ódio (*hostis*) aos pobres (*á-poros*) são instrumentos que servem ao discurso da separação e, por sua vez, à manutenção da alterofobia e da instabilidade entre sujeitos na história, conforme a ética do biopoder de que trata Foucault (2000).

Em conclusão, a obra de Adela Cortina encaixa-se como leitura fundamental em pesquisas e estudos nas ciências humanas e sociais que tomam como temas a divisão da sociedade de classes, as distinções sociais e os conflitos gerados por elas, a questão da xenofobia e dos problemas estruturantes de uma sociedade capitalista gerida por governos neoliberais, neofascistas e de extrema direita. Numa perspectiva das ciências da linguagem, o livro *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia* (2020), pode orientar pesquisadores estudiosos do campo dos estudos do discurso, uma vez que a obra permite compreender os discursos que estão na base das violências simbólicas que acometem um determinado grupo de sujeitos e constituem suas memórias, oprimindo-os. É contra as diferentes formas de opressão, estereótipos e violências aos estrangeiros-pobres que devemos resistir. A leitura desse livro é uma primeira medida para nos instrumentalizar intelectualmente nessa luta.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.
- CORTINA, A. **Ciudadanos del mundo**. Hacia una teoría de la ciudadanía. Alianza Editorial: Madrid, 1997.
- CORTINA, A. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- DUNKER, C. Intolerância e cordialidade nos modos de subjetivação no Brasil. In: FANTINI, J. A. (org.). **Raízes da Intolerância**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 17-42.
- FARIA, L. S. P.; KOPPER, M. Os rolezinhos e as metamorfoses do urbano no Brasil contemporâneo **Anuário Antropológico** [Online], v. 42 n. 2, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/2286>. Acesso em: 15 ago, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.2286>.
- FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, J. **Xenofobia e intolerância linguística**: discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira. Campinas-SP: Pontes, 2022.

SOUZA, J. **A Elite do Atraso**: da Escravidão à Lava Jato. São Paulo: LeYa Editorial, 2017.

## Sobre os autores

**João Paulo Santos Batista** - Mestrando em Estudos do Discurso pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); São Cristóvão-SE, Brasil. E-mail: jotapsant1@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7744660267455768> OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8958-6436>

**Jocenilson Ribeiro** - Doutor em Linguística. Professor Adjunto no Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) da Universidade Federal de Sergipe (UFS); São Cristóvão-SE, Brasil. E-mail: jonuefs@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8985943014913431> OrcID: <http://orcid.org/0000-0001-8716-5059>.